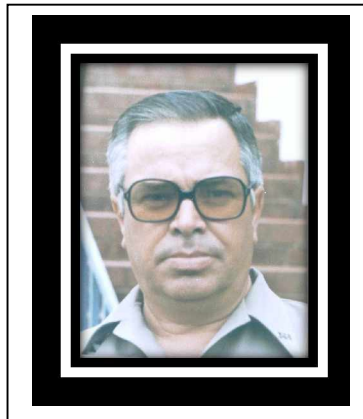


A SAGA DAS DEFESAS E DEFENSORES 1748-1870 DE MATO GROSSO



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Natural de Canguçu-RS. Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHDRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e correspondente das Academias de História da Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Ceará, Mato Grosso etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale-paraibanos (IEV) no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existem 2 exemplares no acervo da FAHIMTB, doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Kursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG 1981-1982; E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. Estudou no Colégio Franciscano em Canguçu 1938/1944 e no Ginásio Gonzaga em Pelotas 1945-1949 e no Ginásio Pelotense em 1950, por ocasião da prestação do Serviço Militar na 3ª Companhia de Transmissões em Pelotas acantonada no 9º RI em Pelotas, e concluiu o Curso Científico na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre em 1952 de onde seguiu pra a cidade de Resende para cursar a Academia M e onde trabalhou contratado pelo Exército como seu historiador até janeiro de 2019. É professor

emérito da AMAN e Acadêmico e Presidente de Honra da Academia Duque de Caxias e Analista de Alto Nível em 1976 pela Escola Nacional de Informações. Possui os cursos de Relações Públicas e de Organização e Métodos pelo DASP ao tempo em que cursou a ECEME e o de Pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras pelo Estado-Maior do Exército. Sua obra historiográfica civil e militar esta preservada no site www.ahimtb.org.br criado e administrado por seu filho Capitão de Mar –e- Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, Turma Almirante Álvaro Alberto do Colégio Naval 1976 e da Escola Naval 1979, onde hoje 2021 na Reserva é instrutor de Navegação.

ARTIGO DO AUTOR DIGITALIZADO PARA DISPONIBILIZÁ-LO NO SITE DA FAHIMTB WWW.AHIMTB.ORG.BR EM LIVROS E PLAQUETAS E CÓPIA IMPRESSA NO ACERVO DA FAHIMTB DOADO A AMAN EM BOLETIM ESPECIAL 002 DE 17 NOV 2004 E INTEGRADO AO PERGAMUM DE BIBLIOTECAS DO EXÉRCITO

A SAGA DAS DEFESAS E DEFENSORES 1748-1870 DE MATO GROSSO

Em 9 maio de 1748, por Carta Régia, o rei D. João V criou a Capitania de Mato Grosso desmembrada da de São Paulo, *"com vistas a conter os vizinhos espanhóis em respeito e servir ela de obstáculo de incursões dos citados vizinhos, ao interior do Brasil"*.

Esta necessidade se impusera com as descobertas de minas de ouro no vale do rio Paraguai e na chapada dos Parecis (Mato Grosso), em razão de disputas bélicas e diplomáticas que Portugal e Espanha que alimentavam, desde 1680, com a fundação por Portugal, defronte a Buenos Aires, da Colônia do Santíssimo Sacramento. Localidade estratégica, que somente em 1777 passaria em definitivo para Espanha, pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777. Luta que repercutiu em todo o Oeste do Brasil, nas bacias dos rios Paraguai e Guaporé, nos atuais estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia.

Vale lembrar que segundo nos ensina em sua História Geral, Lenine Póvoas, que a denominação Mato Grosso advém de uma enorme mata cerrada entre os rios Jauru e Guaporé.

O 1º Capitão General de Mato Grosso foi o Cap. de Infantaria D. Antônio Rolim de Moura e Conde de Azambuja, primo do rei D. João V, e originário do 2º Batalhão do Regimento de Infantaria da Guarnição Militar de Lisboa.

Suas instruções determinavam que criasse uma Companhia de Dragões (tropa de 1ª linha) e uma Companhia de Ordenanças (3ª linha). Esta companhia de Dragões foi a raiz histórica do Exército em Mato Grosso.

Em 19 maio 1752, já vigorando o Tratado de Madri entre Portugal e Espanha, ele fundou Vila Bela (atual Mato Grosso), como capital da capitania, na margem direita do rio Guaporé. Isto para possibilitar a vigilância de incursões espanholas partidas do outro lado do rio.

O referido tratado balizava os limites entre Espanha e Portugal em Mato Grosso e por uma reta entre a barra do Jauru no rio Paraguai e a foz do Sararé no rio Guaporé. Esta linha dava para Espanha, segundo Lenine Póvoas, áreas já povoadas por Portugal, inclusive o local da capital Vila Bela. Rolim de Moura governou a capitania 13 anos, até 1764.

Em 1764 assumiu a capitania o Ten. Cel. João Pedro da Câmara. Ele veio através dos rios Amazonas, Madeira e Guaporé, trazendo, como bagagem, canhões para reforçar as defesas da Capitania. Foi feito épico vencer com estes canhões a série de cachoeiras e corredeiras em seu itinerário, a partir da atual cidade de Rio Branco - RO.

Em out. 1776 ele repeliu uma tentativa espanhola no forte da Conceição, na margem direita do Guaporé, para nela firmar-se.

Em 1º jan. 1769 assumiu a capitania o Ten. Cel. Luiz Pinto de Souza Coutinho ao qual coube expulsar os jesuítas de Mato Grosso por ordem do Marquês de Pombal, em função da resistência militar com os índios missioneiros à evacuação dos Sete Povos das Missões no Rio Grande Sul, para serem ocupados por Portugal, em cumprimento ao Tratado de Madri.

Para não deixar dúvidas sobre a posse portuguesa de determinadas localidades, mudou os seus nomes para os de existentes em localidades de Portugal, tais como fortes Bragança e Lamego, Natal, Chapada dos Guimarães (homenagem a Guimarães, considerada o berço da nacionalidade portuguesa). Palmela e Amarante.

Em 13 dez 1772, assumiu o governo da capitania em Vila Bela o Cap. Cavalaria D. Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres, um jovem culto e prestigiado e, providencial, por experiente na construção das fortificações de Almeida e Ribeirão Tourões, junto a fronteira Espanha - Portugal.

Viajou por terra do Rio de Janeiro a Vila Bela pelo seguinte itinerário, hoje balizado pelos seguintes locais: Rio de Janeiro- Paraíba do Sul - Paraibuna - Juiz de Fora - Ouro Preto - Sabará - Paracatu - Pirenópolis - Brasília - Cuiabá - Vila Bela. Sua viagem demorou 92 dias. Seu percurso foi de cerca de 3.700 km. Permaneceu em Goiás cerca de um mês. Conhecemos mapa na Comissão de História do Exército em Brasília, que integramos 1971-1974, a sua passagem pela hoje Brasília.

Sua missão de elevado alcance geopolítico foi a de fundar fortificações, vilas e povoados, para vivificar a fronteira com a Espanha em Mato Grosso. Foi assim que ele fundou: Em 1774, o Registro de Bauru; em 1775 o forte de Coimbra; em 1776 iniciou o forte Real Príncipe da Beira (atualmente território de Rondônia); em 1778 fundou Corumbá; em 1781 Poconé (ex - São Pedro dei Rei) e, em 1781, Casalvasco.

E durante 35 anos de ação administrativa continuada os capitães gerais de Mato Grosso Rolim de Moura, Pedro da Câmara, Souza Coutinho e Luiz Cáceres delinearão e desenvolveram as defesas da capitania de Mato Grosso ou, do Brasil Colônia no Oeste, para conter os espanhóis em seus domínios.

Segundo o general Raul Silveira de Mello, “o conjunto fortes de Coimbra e Príncipe da Beira representaram os punhos defensivos da capitania e Corumbá o seu capacete protetor.”

Este dispositivo defensivo foi útil como elemento dissuasor de aventuras expansionistas espanholas durante o período de disputas bélicas e diplomáticas entre Portugal e Espanha entre 1760 -77. pela posse definitiva de Colônia do Sacramento defronte a Buenos Aires, como se verá.

Enquanto Mato Grosso se fortificava e era povoado, estas eram as situações militares em São Paulo e no atual Rio Grande do Sul:

Um ano antes do Capitão General Rolim de Moura deixar a capitania de Mato Grosso, o Rio Grande do Sul, comandância militar subordinada ao Rio de Janeiro, fora invadido pelo litoral, por potente Exército ao comando do gen. Pedro Ceballos, governador de Buenos Aires. Ele conquistou a vila do Rio Grande e territórios adjacentes que seriam dominados pelos espanhóis até 1º de abr. 1776, reconquista da Vila de Rio Grande- RS, quando foram expulsos em definitivo. Assunto que abordamos em **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774 -76**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996. (Hoje disponível em Conflitos no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br em Livros e Plaquetas)

Enquanto isto os capitães gerais Pedro Camargo, Souza Coutinho e Luiz Cáceres fortificaram Mato Grosso.

São Paulo, por sua vez, dentro do mesmo contexto de guerra contra os espanhóis, fundou em 1767, no vale do rio Iguatemi, em região insalubre e afetada pelo impaludismo, a Fortaleza N.S dos Prazeres do Iguatemi. Ela foi atacada e destruída por

espanhóis em 27 out. 1776, por poderosa expedição terrestre espanhola partida do Paraguai, quando já fazia quase 7 meses que os espanhóis haviam sido definitivamente expulsos do Rio Grande do Sul. Cumpriu no entanto esta fortificação, que consumiu centenas de vidas de soldados paulistas dizimadas por doenças, a sua destinação geopolítica, ao definir o destino brasileiro da região ao norte de onde fora erigida a fortaleza que hoje integra o Mato Grosso do Sul.

Aos 4 primeiros capitães gerais da capitania de Mato Grosso e aos seus bravos colaboradores muito deve o Brasil e os estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, a inviolabilidade do Oeste do Brasil na guerra de 1763 -76. Esforço defensivo que fixou importantes efetivos espanhóis que poderiam ter reforçado a frente Sul.

Somente em 1801 o Mato Grosso sofreu o seu primeiro ataque na Guerra do 1801, extensão de guerra entre Portugal e Espanha na península ibérica, quando a última invadiu Portugal e conquistou a cidade portuguesa de Olivença.

A segunda foi em dez 1864, quando os paraguaios invadiram o Brasil por Mato Grosso, conquistando o forte de Coimbra, Corumbá, Dourados etc que mantiveram em seu poder durante longo tempo.

Em ambas, o forte de Coimbra enfrentou forças atacantes muito superiores. Em 1801 a resistência a um ataque fluvial espanhol chefiado por D. Lázaro da Ribeira, foi liderado pelo idealizador, projetista, construtor do forte o cel. Ricardo Franco de Almeida Serra, atual patrono dos engenheiros militares do Exército e que foi estudado pelo gen. Raul Silveira de Mello na obra **Ricardo Franco**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1953. Obra em que conta inclusive como localizou os restos mortais do herói em Vila Bela (Mato Grosso atual).

Ao ultimato do comandante espanhol para render-se com o forte de Coimbra, Ricardo Franco respondeu nestes termos:

“Tenho a honra de responder categoricamente a V. Excia. que a desigualdade de forças foi sempre um estímulo que muito animou os portugueses, e por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e defendê-los até as suas últimas consequências: Ou a de repelir o inimigo, ou a de sepultarem-se debaixo das ruínas dos fortes cujas defesas lhes confiaram[...]

Ricardo Franco foi fiel ao pensamento militar português decorrente do ideal de Dilatar a Fé e o Império por Portugal e que assim foi interpretado pelo gen. Francisco Paulo Cidade que comandou a guarnição de Corumbá durante a Guerra do Chaco, entre Paraguai e Bolívia:

“Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade meios.”

Esta agressão acima foi respondida com um ataque partido do forte de Miranda, sobre o fortim espanhol no rio Apa, liderado pelo Tenente de Dragões Francisco do Prado, natural de São João Del Rei e estudado pelo citado general . Silveira de Mello em **Para Além dos Bandeirantes**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1968. Ataque com 57 soldados e 297 índios guaicurus . aos quais muito se deve o Brasil o Mato Grosso do Sul brasileiro Gratidão consagrada pela 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada sediada em Campo Grande -MS. Tribo que recordamos em artigo na **Revista Militar Brasileira**. 1975 (Especial comemorativa bicentenário Forte de Coimbra). [Artigo hoje disponível em Conflitos no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br em Livros e Plaquetas](http://www.ahimtb.org.br).

Território então conquistado pela força das armas e não reclamado por Espanha, por ter achado mais vantajoso ficar com a cidade de Olivença que conquistara de Portugal, na península ibérica e não devolvera. De igual modo não foram devolvidos os territórios conquistados no Sul nesta guerra: Os Sete Povos das Missões, o atual município de Santa Vitória do Palmar e os territórios entre os rios Piratini e Jaguarão, etc.

Em dez 1864, o forte de Coimbra sofreu outro ataque muito superior as suas forças e de surpresa, quando escreveu páginas épicas na comovente resistência ao invasor liderada pelo cel. Hermenegildo Porto Carrero e sua esposa D. Ludovina Porto Carrero, mais tarde por este fato consagrados como barão e baronesa do Forte de Coimbra.

Forte imortalizado na História do Brasil pelo citado gen Silveira de Mello, gaúcho de Cruz Alta RS, em cerca de 12 livros em que fala direta ou indiretamente de assuntos relacionados com o forte e, especificamente, em **História do Forte de Coimbra**. Rio de Janeiro: BIBLÍEx, 1958-61.4v

Escrevemos sobre o forte de Coimbra em artigo amplamente ilustrado sob o título: "O forte de Coimbra - dois séculos de História, Fé e Glórias" na **Revista Militar Brasileira**. Especial, 1975, citada, dedicada ao bicentenário do Forte de Coimbra. Edição por nós coordenada como Presidente de Comissão Histórico Literária para editá-la e na qual prestamos justa homenagem ao historiador militar terrestre de Mato Grosso e a sua obra que analisamos, Gen. Raul Silveira de Mello, hoje patrono da cadeira 28 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que fundamos e presidimos. Cadeira inaugurada pelo ilustre mato-grossense General Plínio Pitaluga, heróico comandante da Cavalaria da Força Expedicionária Brasileira na Itália na 2ª Guerra Mundial e descendente direto de Ricardo Franco.

O Forte Real Príncipe da Beira tem com o seu mais recente historiador o cel José Maria de Souza Nunes, ex- comandante do Colégio Militar de Campo Grande com a obra bilíngue patrocinada pela Odebrechet e ilustrada por Iza Adonias: **Real Fone Príncipe.da Beira**. Rio de Janeiro: Espala Editores, 1985.

Era um assunto pouco conhecido por haver a sua documentação sido destruída por incêndio em Portugal. Sobre ele escrevemos artigo Bicentenário do Forte Príncipe da Beira em **Letras em Marcha**, 4 set 1976 reunindo o que se sabia então desta fortificação redescoberta pelo Mal Rondon, coberta por vasta vegetação. E a obra citada do cel Souza Nunes resgatou o Forte Real Príncipe da Beira que resgatamos também junto com o forte de Coimbra para um conhecimento mais amplo dos brasileiros em **A História do Brasil através de seus fortes**. Porto Alegre: GBOEx, 1982. (**Álbum hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br com o título Fortaleza Brasil**).

O forte Príncipe da Beira,(homenagem ao falecido irmão de D.João VI, não lutou mas cumpriu a sua destinação geopolítica dissuasória, no domínio das cabeceiras do rio Guaporé. Sua construção decorreu de um temor resultante da perda definitiva de Portugal da Colônia do Sacramento na margem do rio da Prata. E para assegurar além do domínio da foz da Amazônia, as cabeceiras de importante afluente seu - o Guaporé , iniciou a construir em 1776 o forte Príncipe da Beira. Iniciativa ciclópica para a época, comparável, guardadas as proporções no tempo aos esforços para a construção de Brasília, pelo hercúleo esforço para torná -lo realidade, correspondendo a esta diretriz do grande fronteiro Luiz Cáceres:

“A soberania e o respeito a Portugal impõem que neste lugar se erga um forte. E isso é obra e serviço dos homens de Ei Rei nosso senhor. E como tal, por mais duro, por mais difícil, e por mais trabalho que isso dê [...] é serviço de Portugal. E tem de se cumprir.”

E foi cumprida esta diretriz do grande D. Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Cáceres, 4º Capitão General de Mato Grosso.

O Duque dc Caxias o considero entre os defensores de Mato Grosso ao ter como Ministro da Guerra e logo a seguir com Chefe do Governo do Brasil, como Presidente do Conselho de Ministros, haver fundado em 1855 -56, as colônias militares de Nioac, Brilhante e Dourados para vivificar a fronteira e a proteger . E a de Dourados mostrou que estava certo o futuro patrono do Exército, com a resistência apresentada

pelo ten. Antônio João e seus bravos, ao protestarem solenemente, com suas vidas imoladas, à invasão do Brasil, em episódio marcante revivido pelo gen Silveira de Mello em **A epopeia de Antônio João**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1969. (Prêmio Tasso Fragoso) onde potencializou o seu prefácio à obra de Jorge Maia. A Invasão do Mato Grosso. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1964. (Comemorativa do centenário do início da Guerra do Paraguai).

Não pode ser esquecida a heróica reconquista de Corumbá aos paraguaios, um caso histórico de surpresa tática, por ter sido atacada na hora da sesta, quando seus defensores dormiam, como era costume cultural.

Conquista em 11 jun 1867, por tropa liderada pelo Capitão. do Exército Antônio Maria Coelho e composta em expressiva maioria de civis cuiabanos. Ataque que resultou em sangrento corpo a corpo. Foi um dos mais expressivos episódios da História Militar do Brasil, escrito por estes bravos que partiram de Cuiabá, rio abaixo e atingiram o seu objetivo depois de 28 dias de viagem em vapores pelo rio e em canoas (igaritês), para infiltrarem-se através de pântanos, na retaguarda do invasor, para a seguir caírem de surpresa sobre ele.

Este episódio épico não tem merecido nacionalmente o reconhecimento devido, por ofuscado pela Retirada de Laguna, um insucesso operacional, mal planejado por subestimação do Inimigo e do Terreno e imortalizado nacionalmente e internacionalmente pela pena genial do Visconde de Taunay, mas que valeu pelos sacrifícios ingentes e comoventes de seus heróicos participantes.

Caxias, também como Comandante - em - Chefe das Forças Brasileiras e Aliadas de 1866 -68, contribuiu com sua pressão sobre Humaitá e Curupaiti para aliviar a pressão do invasor sobre Mato Grosso, e indiretamente, para a restauração de território de Mato Grosso que havia sido ocupado pelo inimigo. Isto por atrair parte dos efetivos que ocupavam Mato Grosso.

Não poderia perder a oportunidade de depor sobre um fato relacionado com o meu co-estaduano Gen Silveira de Mello que serviu no 4^o Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá – MG, no início dos anos 20, como major. Por ocasião do seu centenário comandávamos o referido Batalhão e inauguramos um biblioteca de assuntos profissionais e de cultura geral denominando-a Gen. Raul Silveira de Mello. Ao irmos servir no Rio de Janeiro em 1983, fomos avisados que não perdêssemos palestra que o Gen. Raul faria no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, cujo título seria "Há 60 anos passados".

E fomos assistí-la. Ele só falou que se tratava de ,uma retribuição a homenagem que o 4^o batalhão de Engenharia de Combate lhe prestara ao dar seu nome a uma biblioteca. Coube a seu filho. Cel. Luiz Gonzaga lê-la. E seu conteúdo foi um depoimento seu de haver iniciado em 1922, na igreja Matriz de Itajubá, um movimento para a recristianização católica do Exército, cujas práticas haviam sido abolidas ou amortecidas, em função dos reflexos da separação da Igreja do Estado, em decorrência da República e dos confrontos do Positivismo agnóstico com a Igreja. Movimento que ele ali proclamava vitorioso com a atuação de uma organização de militares católicos naquele lapso de tempo, fazendo quase tudo voltar como era antes da República.

Eis nesta evocação sintética limitada no espaço de um artigo comemorativo solicitada gentilmente pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nos 250 anos da criação da Capitania de Mato Grosso, uma ideia geral da saga de suas defesas e defensores para manter a Integridade e a Soberania do Brasil no Oeste, de 1748 -1870.

Obras consultadas além das referenciadas no texto:

CORRÊA, Philogônio de Paula. Bicentenário da Capitania de Mato Grosso. **RIHGMT**, t.51/60,1941/4S.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso**, Rio de Janeiro:INL, 1969.

____. Fundação de Vila Bela. **Anais do 4º Congresso de História Nacional**. Rio de Janeiro,1952.v.16.

____. Mato Grosso, seu devassamento e exploração. **Anais do 4º Congresso de História Nacional**, 1952. v.4.

LEITE, Luis-Philippe Pereira. **Vila Maria dos meus Maiores**. São Paulo: VanerBícego, 1978.

MELLO, Raul Silveira de, Gen. in: SILVA. op. cit na bibliografia 9 abaixo.p.187 -9 (Relaciona 28 títulos deste autor sobre a História de Mato Grosso).

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem filosófica pelas capitanias do.... Mato Grosso e Cuiabá**. Brasília, Conselho Federal de Educação, 1971.4v.

FIGUEIREDO. José Lima. Gen. Geopolítica de nossas fronteiras. **A Defesa Nacional**, n" 337,1945.

PÓVOAS, Lenine. História Geral de Mato Grosso. Cuiabá, 1995.2v.

RONDON, Cândido, Mal.Corumbá. **RIHGMT**, t.35/38 1937.

____. Rondon e Comissão Rondon - bibliografia. Cuiabá: IHGMT.1998 (Publicações Avulsas, 2)

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. **Estudo Bibliográfico da História, Geografia e Etnologia de Mato Grosso**. Cuiabá: CCS - Editora Gráfica Ltda, 1992.(Valioso instrumento de trabalho para a abordagens da História de Mato Grosso).

TAUNAY, Visconde. **A Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro, Laemert, 1868. (Existem várias edições).

____. **Memórias**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960.

RIHGMT= Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso